

Apresentação

O quarto número dos *Cadernos Benjaminianos* é uma edição especial por dois motivos: recupera, em parte, a discussão ocorrida em 2010, no II Colóquio Internacional do Núcleo Walter Benjamin (NWB), na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e, em segundo lugar, elege como mote de discussão apenas um tema, *Spuren*, diferenciando-se, assim, da diversidade de trabalhos dos três números antecedentes.

Antes de começar a leitura dos ensaios, convém, entretanto, lembrar que o termo alemão *Spuren* foi traduzido para o português de diferentes formas: rastro, traço, pegada, trilha, vestígio, marca, resto... Se, por um lado, tal pulverização demonstra uma riqueza polissêmica da nossa língua para marcar aquilo que Walter Benjamin apontou em sua obra como algo paradoxal - presença da ausência, ausência da presença -, por outro lado a sinonímia enfraquece, com tamanha diluição, a imperiosa força deste conceito na obra do filósofo.

É sabido que houve uma inflexão no pensamento de Benjamin após a leitura das obras de Baudelaire e de Brecht. O plural *Spuren* adquiriu, a partir daí, certo tom de clandestinidade. Tal como nos romances de detetive, é possível verificar como o pensador alemão experienciou, em sua pungente errância nos anos 30 e 40 do século XX, a tentativa de apagamento dos seus rastros. A noção do passado, entrelaçada ambivalentemente à questão dos traços, passa a ser um ponto imprescindível para desdobramentos teóricos sobre a memória, o tempo e a história.

Levando em consideração os diferentes aspectos e usos de *Spuren*, os *Cadernos* confirmam, neste número, como o conceito abriga nodais inquietações do pensamento benjaminiano.

No texto de abertura, de autoria de Alice Mara Serra, encontra-se uma arqueologia do *Spur* na proposta de um comparativismo teórico com textos de Husserl, Freud e Derrida.

O segundo ensaio, a argentina María Castel empreende um estudo do par aura-rastro como uma chave de leitura de todo o século XIX. Para tanto, a pesquisadora analisa aspectos tanto do *Drama Barroco* e de *Passagen-Werk*.

O terceiro e o quarto artigos se debruçam sobre a concepção de tradução. De autoria de Susana Kampff Lages e Maria João Cantinho, o texto “A tarefa do tradutor” é examinado, pelas respectivas estudosas, tanto em relação à memória como à centelha messiânica do resto.

Izabela Leal, em “A obra de arte e sua oscilação contraditória: a aura e o rastro”, se detém na leitura da obra de Benjamin realizada pelo pensador francês Georges Didi-Huberman, que focaliza a questão da visualidade, numa espécie de *faraway, so close*. A ensaísta levanta a hipótese de que haveria uma oposição entre os conceitos benjaminianos de aura e rastro, sobretudo nessa dinâmica que caracteriza a obra de arte.

Há, ainda, um ensaio, de minha autoria, sobre a escrita autobiográfica em Benjamin e a importância de se pensar a questão do sujeito relacionada ao conceito de vestígio. A escrita do fragmento, cara a Benjamin, é aí associada ao resto.

Por fim, uma sensível leitura de Aharon Appelfeld realizada por Luis Krausz, demonstra como o escritor hebraico, sobrevivente da *Shoá*, reconstrói, em Israel, “não só a sua pessoal, mas preserva do esquecimento uma *episteme*, um conjunto de conceitos estruturantes de um modo de ser e de pensar que desapareceu de suas terras de origem (...)

O *Núcleo Walter Benjamin* agradece, assim, a todos os autores que aqui ofereceram as suas reflexões, e convida você, leitor, a participar deste potente diálogo.

Sabrina Sedlmayer

Primavera de 2011